



RESUMO EXPANDIDO Sobre o que lembrar nas fotografias do Sertão¹.

José Afonso da Silva Jr².
Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, PE

RESUMO

O texto procura identificar como a relação entre lembranças e fotografias é acionada segundo um conjunto de regularidades denominados, eixos da lembrança. Tendo como partida o trabalho de Albuquerque Jr., dos eixos norteadores da identidade do Nordeste, aproximo e combino o conceito de acontecimento em Foucault, e aura, em Benjamin, como singularidades únicas do ato de lembrar e deflagrar o gatilho da memória (BONI) sobre a experiência vivida. O método adotado é recuperação arqueológica de elementos narrativos, testemunhais, poemas e fotografias coletados na pesquisa ‘Sertão de Lembranças’ realizada desde 2021. Por fim indico que os eixos de lembrança (a saber: o chão, a seca, a fé, a ausência e o afeto) norteiam o *sobre que se lembra e como se lembra* nas dinâmicas de pertencimento entre pessoas e território.

PALAVRAS-CHAVE

Memória, lembrança, fotografia, território, sertão.

As fotografias e suas interpretações são resultados de pertencimentos e recuperações pelo fenômeno da lembrança gerando narrativas sobre o vivido, por vezes, sem uma motivação aparente para quem olha essas imagens fora de contexto. Fotografias mostram os instantes, os protocolos de pose, aproximação e encenação. Mas também colocam questões sobre as lacunas entre uma foto e outra. Falamos *das* lacunas e *pelas* lacunas.

Ao se narrar as fotografias vernaculares tem se em conta que o mais importante nem sempre é a busca entre uma fidedignidade entre o narrado e o visto na fotografia. Ao se disparar o gatilho da memória (BONI, 2017), a relação entre a indicialidade da foto e seu modo de recuperação do vivido supera a descrição visual do que esteve um dia, à frente da câmera. Para além do *isto foi* fotográfico (BARTHES, 1989), o narrar sobre que está na fotografia preenche de todo um grau de testemunho, mas também de vivência.

No entanto, a respeito das lacunas das fotografias, Lissovsky (2014, p. 133) aponta que ‘no que as fotografias fazem enquanto não olhamos para elas’ há a potencialidade de

¹Trabalho apresentado no GP Fotografia, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 5 a 6/9/2024 – UNIVALE, Balneário Camboriú/SC.

² Professor/ Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, PPGCOM- UFPE. E-mail: jose.silvajr@ufpe.br

novos sentidos agregados pelo passar do tempo, o que se gera a cada novo encontro entre as subjetividades existentes entre os sujeitos que as possuem e observam.

No disparo do gatilho da memória, ao falar sobre a experiência contida nas imagens, defendo que se incorpora um conjunto estruturante: *os eixos da lembrança*, que atuam como suporte dos nexos narrativos e permitem a comunhão entre quem fala e quem ouve. Essa partilha, presente na narração, permite o prolongamento do que se narra, para além do momento da fala, ao chegar a outros ouvidos e seguir adiante por repetição e adição ou supressão de detalhes. Partilhar pressupõe ainda um contrato entre as pessoas e os assuntos elencados.

Sobre o sensível da narração ha duas dinâmicas interdependentes: *do que se narra e como se narra*. Evocar o vivido, é transformar cada narração em imagens, mesmo quando esse passado não está nas fotografias. Ou as amplia, nas descrições mais ou menos pormenorizadas, naquilo que Bergson (1990, p. 168) delimita como percepção. Ou seja, ‘um recorte sobre o espaço atual e presente, na exata proporção em a que a ação atua sobre o tempo’. No fenômeno de narrar lembranças há um duplo pertencimento. Primeiro, os testemunhos do tempo, reelaborados sempre no momento de acesso ao conjunto de vivências reconhecidas; segundo, na compreensão do contexto presente que permite as condições de aparecimento e assimilação do que é narrado.

Complementando, me parece indissociável as camadas *do o que se narra e como se narra* do fenômeno da lembrança³. Porque sempre trazemos em nós quantidades e qualidades de pessoas e lugares que se mesclam. Essa operação se apresenta de modo conjunto e possuem regularidades. É Benjamin (1985, p. 205), que coloca em uma certa disposição de espaços e sujeitos a necessária condição básica por onde se forma uma comunidade entre ouvintes e contadores entre nômades e sedentários, entre deslocamentos e permanência.

Narrar é conceitualmente situar espaços, pessoas, tempos e ações em um contexto ou apresentação. Há aqui outro duplo, não antagonista, que se manifesta nas fotografias. A fotografias tem sua dimensão temporal. incorporada ao dispositivo, no momento do clique. Como também na temporalidade de adensamento das experiências distanciadas pela duração entre os eventos e sua contemplação. Segundo, na fotografia também há o que se enquadra

³ Indicar essas camadas, ou categorias aqui, servem como distinção conceitual para o entendimento das matrizes componentes do fenômeno da lembrança, embora entendo que elas estejam mescladas e enraizadas. É um esforço, portanto, de esclarecimento mais teórico do que propriamente tentar, em vão, separá-las do seu modo de aparição.

ou se desenquadra, o que está ou esteve à frente da câmera; do que se escolhe para compor a imagem e, sobretudo, do que não se escolhe e é empurrado para fora dos enquadramentos. São as implicações necessárias para tal fotografia ser como é, e estar onde está. Fotografar é um ato político. Narrar, lembrar ou esquecer também o são. Em adição, decorrente deste estado de coisas, há uma dizibilidade, ou seja, outros feixes de ordem discursivas que se somam, complementam, e preenchem de modo mais ou menos denso as lacunas existentes entre o que se vê e o que se fala.

Invenções de territórios possíveis

No entorno de uma pretensão de um Nordeste/ Sertão único, percebe-se uma subjetivação que cria o Sertão e, conseqüentemente o sertanejo, a partir de dicotomias e binarismos de oposição com o sul e sudeste no entorno de estereótipos como trabalhadores e improdutivos, urbano e rural, progresso e atraso, riqueza e pobreza.

Como é percebido (ALBUQUERQUE, 2011, P. 8) Esse binarismo não se dá de modo unilateral a partir de como o sertão é percebido pela lente do Sudeste (*'o sertanejo é antes de tudo um forte'*, para lembrar Euclides da Cunha), mas também como um essencialismo edificado pelos próprios nordestinos.

O que Albuquerque Jr. dispõe como eixos estruturantes da identidade – o cangaço, o messianismo, o coronelismo e a seca – são um feixe de reações e situações imbricados e sobrepostos que molda o Sertão como território e opera a geração de sentidos amplos que se encaixam em fenômenos narrativos diversos. Pensar essa singularidade sobre o território é pensar o modo de ser de si próprio, e também como se lembrar do vivido sobre o chão e o que ele é capaz de dizer e ver através de fotografias.

Vendo o Sertão pelas fotografias de sertanejos e sertanejas

Ao testemunhar, fotografar e interagir com os informantes dessa pesquisa, eu procurei estimular a dizibilidade sobre as fotografias tendo-as como protagonistas do ato de lembrar. Destarte, no momento do vir-à-tona a experiência vivida, o cenário entre as fotos, vozes, gestos e efeitos de presença constituem aquilo que Foucault acusa como um *acontecimento*. No tempo de enunciação, pausas, audiências, clarezas, vácuos, presença e ausência de explicações, a palavra da lembrança que veste as imagens é o surgimento de um acontecimento único, que tem lugar e momento específico de produção e que opera na formação das pessoas como sujeitos, vinculando o geral ao particular, o coletivo ao individual.

Os acontecimentos que percebi nas seguidas visitas ao sertão do Pajeú no correr desta pesquisa, justapõem tanto a linguagem dos informantes, quanto a letra praticada em fala e escrita como poesia. E perceptível os desdobramentos dos eixos estruturantes identitários apontados por Albuquerque Jr. sobre as dinâmicas do lembrar.

Vendo as pessoas com suas fotografias e dizendo sobre elas, tanto em poesia como em fala, diversas vezes eu tive a impressão de descoberta, ou de encontro com algo inédito, repousado tanto no objeto-fotografia. Voz e fotografia proveem de um passado como um objeto enterrado, mas que só adquire o nome de fóssil quando vêm à superfície. Antes disso, pertence ao inacessível, ao que está lá, sem nome.

É impossível não incorporar duas noções de Benjamin. A primeira, quando ele recupera o narrador em Leskov (BENJAMIN, 1995 p. 203). No que a ' metade da arte de narrar consiste em evitar explicações, permitir o extraordinário e o improvável sem impor resoluções ou provas a quem escuta e deixar propositalmente lacunas para quem experimenta o que é falado'. É nesse jogo de permanente alternância entre precisão e incerteza, factualidade e fabulação, preenchimento e vazio, que nos deixa à mercê do narrador. É uma zona de indeterminação que pode apenas ser testemunhada.

O segundo ponto benjaminiano é o clássico conceito de aura. Normalmente assimilado na relação com as imagens e sua reprodutibilidade, mas em nenhum momento colocado pelo próprio Benjamin como exclusivo desse campo. A aura é definida como 'uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja' (BENJAMIN, 1995, p. 170). O conceito preocupa-se sobretudo, com elementos de unicidade e originalidade de uma obra de arte. Se, assumidamente, eu contrabandear e aplicar o conceito para o falar sobre as fotografias, a aura se faz presente na narrativa pelo mesmo motivo pela qual adere à autenticidade das obras: o valor de culto, a sacralização da experiência diante de algo.

Nesse sentido de artesanaria, de peças únicas formadas entre palavras e fotografias, quais sertões são possíveis? Que outros sertões são presentes nos depoimentos sobre fotografias da experiência vivida? Ora, cada sertão é múltiplo, pois remete ao pertencimento coletivo. Cada sertão é único, pois é guardado em todo sertanejo.

Eixos do lembrar

Os eixos norteadores da lembrança são: O chão, na sua elaboração como território entre pessoas, locais e valores de pertencimento; a seca, flagelo cíclico do semiárido,

motivador de êxodos, sofrimentos, perdas e mortes; a fé, mais que a religião, como mediador central na experiência com o sagrado; a ausência, dos que foram, das desfigurações do espaço e do tempo que passam nas gentes; e o afeto, naquilo que nutre o cuidado, a ajuda, a mutualidade a solidariedade e amor entre os sertanejos. É difícil se deparar com alguma poesia ou relato que não traga como mote organizador das narrativas e que não resvale com um desses eixos.

Prosseguindo, em modo de trazer exemplos dos *eixos da lembrança* no Sertão, irei elaborar no texto completo a partir deste resumo, algumas vivências em que a narrativa pode ser percebida em modo arqueológico, ou seja, como indícios descontínuos que atravessam um certo território situado entre pessoas, locais, dizibilidades. E que não estão aqui e agora por conta dos limites de espaço impostos a este resumo.

Conclusões

Chão, ausência, seca, fé e afeto. Esse feixe não é correspondente a totalidade do que o sertanejo elabora como lembrança. Longe de mim dizer o que os outros pensam. Mas, esse conjunto sobreposto indica em boa medida *sobre o que se lembra, e como se lembra*. Essa afirmação se nota na presença desses eixos no que se narra com as fotografias e falas costuradas na aparição da lembrança. A dimensão lacunar que está no ato de lembrar pressupõe incompletudes, na mesma medida que a ação de narrar tenta preenche-las continua a fabricar o território.

Isso talvez se dê pelo fato da lembrança ser menos comprometida com os imperativos de verdade, de finitude narrativa, da pressão do imediatismo, e mais, com uma forma de cercar eventos acontecidos, sugerindo que o momento de narrar deflagrará outros momentos, na medida em que se expandem na curiosidade e interesse de quem escuta.

Os cinco eixos, ao passo que se complementam, trazem uma dimensão adicional que reivindica através de diversas formas – poéticas, musicais, visuais – a presença do elemento de sagrado contido na lembrança. Em adição, o resgate do lembrar, enquanto acontecimento conceitual, reforçando a singularidade de fatos na vida das pessoas, é algo guardado, protegido, valorizado e eleito para ocupar um lugar especial, de culto, tanto no depósito das memórias, como nos âmbitos do dizível e do vizível. Por isso, acredito, pode ser assimilado na força dos seus valores de pertencimento à uma dimensão aurática, naquilo em que tem de único, irrepetível e de valor de culto, que adere às fotografias e vozes para além da noção do instante registrado.

Tenho a clareza que este texto foge do determinismo de afirmar o que está na lembrança na emanção do lugar e das pessoas, o território. Mas na direta proporção, busco indicar o *sobre o que se narra e como se narra*, aproximando essas vocalizações do fenômeno do que *sobre o que se lembra e como se lembra*. A pretensão é entender que esses modos de operação atuam como agenciadores na formação do território e do gentílico sertanejo, em modo contínuo. Algo retroalimentado entre a permanência da pedra, e a imprecisão do movediço.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Trad. de Laura Fraga de A. Sampaio, 2a ed. SP: Loyola, 1996
- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5ª. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGSON, Henry. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BONI, Paulo César. **A Fotografia Como Ferramenta Para a Recuperação da História e da Memória**. In. Anais da Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2067-1.pdf>
Acesso em 19 de junho de 2024.
- LISSOVSKY, Maurício. **Pausas do destino. Teoria, arte e história da fotografia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.